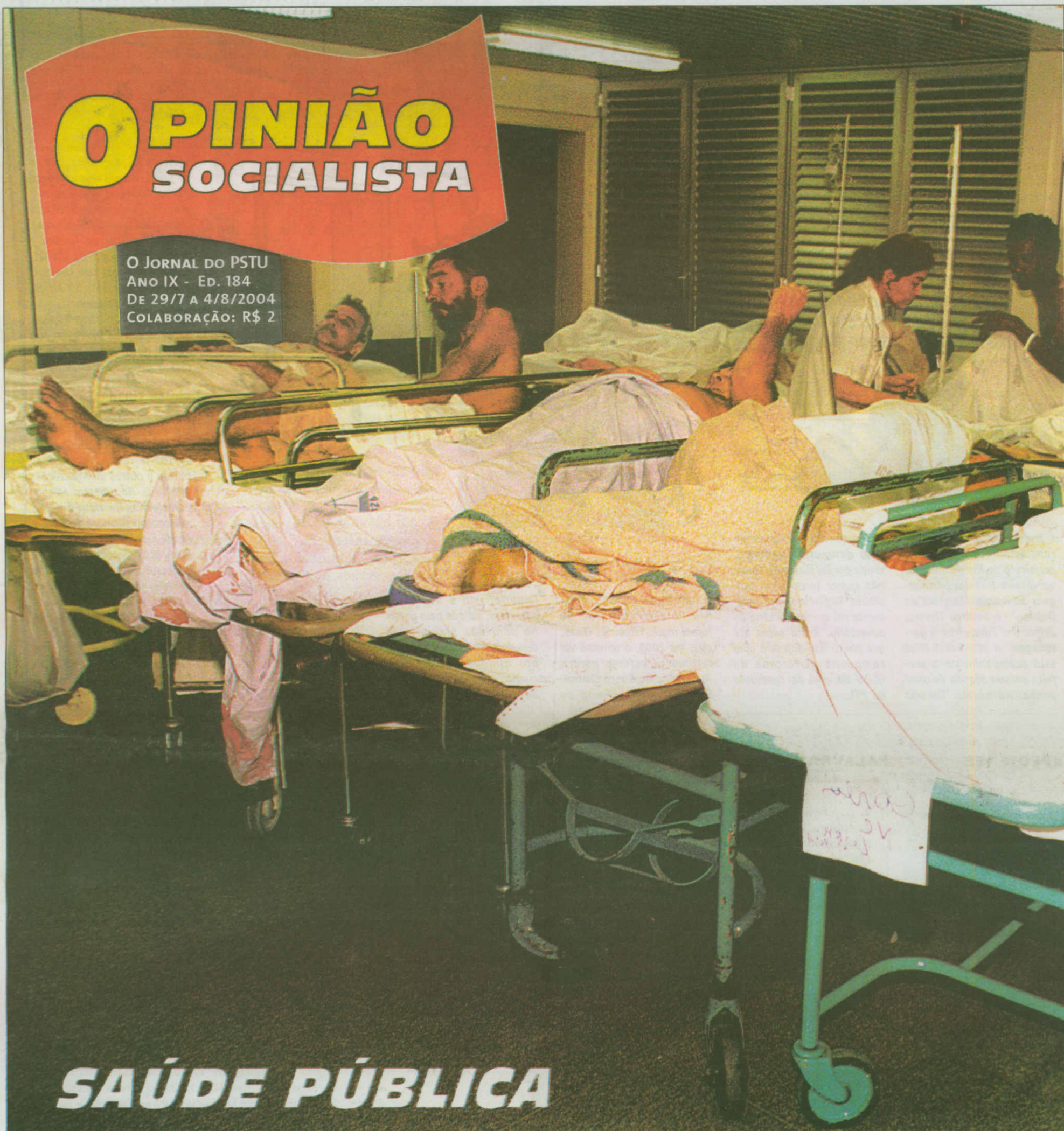
OPINIÃO SOCIALISTA

O Jornal do PSTU
Ano IX - Ed. 184
De 29/7 a 4/8/2004
Colaboração: R$ 2

SAÚDE PÚBLICA

O BRASIL DOENTE

PÁGS. 6 E 7

Trabalho Escravo: A Face Degradante do Capitalismo PÁG. 5

Companhia do Latão Fala da Mercantilização da Arte PÁG. 8

Palestinos Lutam Contra o Muro de Sharon PÁG. 11

PÁGINA DOIS

■ **ALVO** *A lei do Abate não é tão ameaçadora. Restrita à aviação civil, impede a derrubada de aviões norte-americanos que, para combater as FARCs, invadem o espaço aéreo brasileiro.*

■ **DOBRADINHA** *Há algumas semanas, Luiz Gushiken, responsável pela comunicação e publicidade do governo, visitou jornais cariocas. Levou, a tiracolo, o candidato do PT, Bittar.*

■ **ABISMO** *Em ano eleitoral, a ligeira queda no índice de desemprego foi bastante comemorada pelo governo. No entanto, quanto à possibilidade de um crescimento sustentado no país, Lula pediu cautela diante dos indicadores econômicos. Na verdade, vivenciamos um crescimento medíocre e continuamos à mercê das mudanças de humor na economia mundial.*

PÉROLA

"Não há inocentes aqui. Isso não é história da Branca de Neve e os Sete Anões"

FRANK HOLDER, presidente mundial de investigações da Kroll, empresa contratada para espionar a Telecom Itália e acusada de espionar integrantes do governo, como Luiz Gushiken.

CHARGE / *GILMAR*

MAQUIAGEM

O prefeito Cesar Maia (PFL), candidato à reeleição para a prefeitura do Rio de Janeiro, vai inspirar um dos personagens da novela "Senhora do Destino", o político Thomas Jefferson. Para viver o personagem, o ator Mário Frias está acompanhando o prefeito em sua agenda de campanha. Na novela, Thomas será o concorrente do candidato desonesto Reginaldo, vivido por Du Moscovis. Quem não quiser torcer pelo candidato Reginaldo, provavelmente vai querer a vitória do adversário. Resta saber até que ponto isso não será uma campanha disfarçada da Globo em prol do candidato do PFL.

O QUE VEM POR AÍ

O ministro da Fazenda, Antônio Palocci, declarou ao jornal inglês Financial Times, que, em 2005, o governo vai retomar o esforço para a autonomia do Banco Central. Essa é uma exigência do imperialismo e dos especuladores, adiada pelo governo para não prejudicar o desempenho eleitoral do PT e dos aliados nas eleições municipais de outubro. Depois disso, o governo tentará mudar a lei, para dar liberdade total aos diretores do Banco Central e facilitar a recolonização do país. A única coisa que restaria ao governo seria definir as metas de inflação.

TOME NOTA

LENIN - *Na sexta-feira, dia 30 de julho, haverá o lançamento da revista* **Marxismo Vivo** *nº 9 em São Paulo. O evento terá uma palestra de Nazareno Godeiro, editor da revista e membro da Direção da* **LIT-QI**, *sobre os 80 anos sem Lenin. O lançamento será às 19 horas, no auditório da Apeoesp.*

NA WEB - *O PSTU do Espírito Santo acaba de inaugurar sua página na Internet, com notícias e artigos. O endereço é* **www.pstues.org**

ESPAÇO CULTURAL - *O PSTU do Rio de Janeiro inaugurou um espaço cultural na sede. O evento acontece sempre às sextas-feiras, com música, poesia e outras manifestações artísticas. Na primeira edição, participaram Henrique Ornelas, que cantou sucessos da MPB, e André Cipola, que, ao violino, tocou até o jingle da campanha eleitoral de 2002. O violino também foi tocado na roda de poesias. A inauguração contou com uma exposição, com pinturas de Rafaela Magnani. Nas próximas edições, sempre às sextas, haverá exibição de filmes e apresentação de grupos teatrais.*

EXPEDIENTE

OPINIÃO SOCIALISTA
é uma publicação semanal do Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado
CNPJ 73.282.907/0001-64
Atividade principal 91.92-8-00

CORRESPONDÊNCIA
Rua Humaitá, 476
Bela Vista - São Paulo - SP
CEP 01321-010
e-mail: *opiniao@pstu.org.br*
Fax: (11) 3105-6316

EDITOR
Eduardo Almeida Neto

JORNALISTA RESPONSÁVEL
Mariúcha Fontana (MTb14555)

CONSELHO EDITORIAL
Bernardo Cerdeira, Cyro Garcia, Concha Menezes, Dirceu Travesso, João Ricardo Soares, Joaquim Magalhães, José Maria de Almeida, Luiz Carlos Prates 'Mancha', Nando Poeta, Paulo Aguena e Valério Arcary

REDAÇÃO
André Valuche, Cecília Toledo, Cláudia Costa, Diego Cruz, Fausto Barreira Filho, Gustavo Sixel, Jeferson Choma, Wilson H. Silva, Yara Fernandes, Yuri Fujita

PROJETO GRÁFICO
Gustavo Sixel

DIAGRAMAÇÃO
Gustavo Sixel e Mônica Biasi

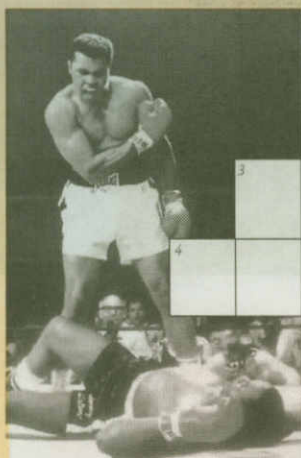
FOTO CAPA
Wladimir Souza

IMPRESSÃO
Gráfica Lance
(11) 3856-1356

ASSINATURAS
assinaturas@pstu.org.br
www.pstu.org.br/assinaturas
(11) 3105-6316

PALAVRAS CRUZADAS

POR JULIANA OLIVEIRA

1. *(...) Fernandes: em 64, lança a revista de humor Pif-Paf, logo censurada pela ditadura.* **2.** *Ação (...): organização fundada em 1962 por jovens católicos de esquerda.* **3.** *Al (...): organização armada ligada à OLP (Organização de Libertação da Palestina), criada em 1967.* **4.** *País que vence em casa a 1ª Copa do Mundo de Futebol, em 1930.* **5.** *(...) Pedrosa: fundador da Liga Comunista, organização ligada ao trotskismo.* **6.** *Executado em 1936, após ser condenado no 1º Processo de Moscou.* **7.** *Isadora (...): pioneira do balé moderno, morre estrangulada por um xale que se prende à roda de seu carro.* **8.** *País onde, em 1926, ocorre um levante popular armado contra a ocupação norte-americana.* **9.** *(...) Barreto: escritor brasileiro que defende a Revolução Russa de 1917 no artigo "O ajuste de contas".* **10.** *Estado criado em 1929 pelo Tratado de Latrão, firmado entre Mussolini e o papa Pio XI.*

Vertical: campeão mundial dos peso-pesados em 1965, apóia o movimento negro nos EUA.

RESPOSTAS DA EDIÇÃO ANTERIOR

1 – Blitz. 2 – Golden Boys. 3 – Cazuza. 4 – AC/DC. 5 – Kiss. 6 – Camisa. 7 – Raul. 8 – Bixo. 9 – Legião Urbana. 10 – Ira. 11 – Mutantes. 12 – The Who.

CARTAS

Oi!!! Pessoal do Opinião.

Tudo bem com vocês? Deve estar tudo bem mesmo, já que agora nosso jornal é só elogios. Tenho algumas críticas para fazer, como leitora e militante do PSTU.

Bom, para começo de conversa, o jornal 179 estava muito bom, mas muito bom mesmo. E a matéria de Chico e o Fala Zé desse número estavam "assim!", sem comentários. Eu achei essa mudança que ocorreu no jornal muito boa, ficou mais direto, mais bonito e, melhor, mais fácil de ser entendido. A nova linguagem do jornal permite maior compreensão e, além do mais, ele se torna menos cansativo, a leitura fica mais prazerosa. Eu mesma, que já estou na luta há muito tempo, confesso que nem sempre entendia o jornal devido ao monte de siglas e à linguagem "metódica". Parabéns!!!

Em compensação o 180 não estava lá essas coisas, e o principal é que vocês gastaram uma página inteira fazendo comentários sobre novela, que em nada diminui o sofrimento do povo. Puxa! Com tanto assunto mais importante, sobre a realidade da fome, da violência, da corrupção... Essa página vocês poderiam ter usado para falar da reforma Universitária, que é um assunto muito mais real que a reprise de uma pequena burguesia brasileira. O pior é que isso tudo (novelas) é fruto do capitalismo como tática para iludir o proletariado. Para dizer que o mundo é justo e as pessoas felizes. Eca!!!

Ah! Outra coisa: meus jornais estavam chegando atrasados. Até que enfim vocês começaram a cumprir com as obrigações políticas, já que o jornal leva a política ao partido, ao povo.

Com muito carinho, companheiros, deixo forte abraço no coração revolucionário de vocês.

Anne Rodrigues,
de Salvador (BA), por carta

SEDE NACIONAL

Rua Humaitá, 476
Bela Vista - São Paulo (SP)
CEP 01321-010
(11) 3105.6316

www.pstu.org.br
www.litci.org

pstu@pstu.org.br
opiniao@pstu.org.br
assinaturas@pstu.org.br
sindical@pstu.org.br
juventude@pstu.org.br
lutamulher@pstu.org.br
gayslesb@pstu.org.br
racaeclasse@pstu.org.br
livraria@pstu.org.br

ALAGOAS
MACEIÓ -R. Pedro Paulino 258 - Poço (82)336.7798 maceio@pstu.org.br

AMAPÁ
MACAPÁ - Av. Mãe Luzia, 1352 Jesus de Nazaré (96) 225.4549 macapa@pstu.org.br

AMAZONAS
MANAUS - R. Luiz Antony, 823 - Centro (92)234.7093 manaus@pstu.org.br

BAHIA
SALVADOR - R.Fonte do Gravatá, 36 - Nazaré (71)321.3632 salvador@pstu.org.br

CEARÁ
FORTALEZA - CENTRO -Av. Carapinima, 1700 - Benfica fortaleza@pstu.org.br

DISTRITO FEDERAL
BRASÍLIA - Setor Comercial Sul - Qd. 2 - Ed. Jockey Club - Sala 102 brasilia@pstu.org.br

ESPÍRITO SANTO
VITÓRIA - vitoria@pstu.org.br

GOIÁS
GOIÂNIA - R. 242, Nº 638, Qda. 40, LT 11, Setor Leste Universitário - (62)261-8240 goiania@pstu.org.br

MARANHÃO
SÃO LUÍS - R. dos Afogados, 169 sl 8 Centro (98)258-0550 saoluis@pstu.org.br

MATO GROSSO
CUIABÁ - Av. Couto Magalhães, 165 Jd. Leblon (65)9956.2942

MATO GROSSO DO SUL
CAMPO GRANDE - Av. América, 921 Vila Planalto (67) 3840144 campogrande@pstu.org.br

MINAS GERAIS
BELO HORIZONTE bh@pstu.org.br
CENTRO - Rua da Bahia, 504/ 603 - Centro (31)3201.0736
CENTRO - FLORESTA
Av. Paraná 191, 2º andar - Centro
BARREIRO -Av. Olinto Meireles, 2196 sala 5 Pça Via do Minério

PARÁ
BELÉM - Tv. do Vileta - (91) 226.3377 belem@pstu.org.br

PARAÍBA
JOÃO PESSOA - R. Almeida Barreto, 391 -1º andar - Centro (83)241-2368 - joaopessoa@pstu.org.br

PARANÁ
CURITIBA - R. Alfredo Buffren, 29/4 - (41) 233-3485

PERNAMBUCO
RECIFE -Rua Leão Coroado, 20/1º andar, Boa Vista (81)3222.2549 recife@pstu.org.br

PIAUÍ
TERESINA - R. Quintino Bocaiúva, 778

RIO DE JANEIRO
RIO DE JANEIRO - PRAÇA DA BANDEIRA - Tv. Dr. Araújo, 45 - (21)2293.9689 rio@pstu.org.br

RIO GRANDE DO NORTE
NATAL - CIDADE ALTA - R. Dr. Heitor Carrilho, 70 (84) 201.1558

RIO GRANDE DO SUL
PORTO ALEGRE - Rua General Portinho, 243 (51) 3286.3607 portoalegre@pstu.org.br

SANTA CATARINA
FLORIANÓPOLIS - Rua Nestor Passos, 104 Centro (48)225.6831 floripa@pstu.org.br

SÃO PAULO
SÃO PAULO saopaulo@pstu.org.br
CENTRO - R. Florêncio de Abreu, 248 - São Bento (11)3313.5604

SERGIPE
ARACAJU - Av. Gasoduto / Francisco José da Fonseca, 1538-b Cjto. Orlando Dantas (79) 251-3530 aracaju@pstu.org.br

Veja o endereço de outras sedes em nosso site: **www.pstu.org.br/sedes**

DOR, DESESPERO E MORTE. O RETRATO DA SAÚDE PÚBLICA NO BRASIL

Dor, desespero e morte. Esta é a cena dominante nos corredores dos hospitais públicos do país. A maioria dos trabalhadores conhece muito bem essa realidade. Como todo serviço público no país, a Saúde se encontra na UTI, por conta de anos e anos de investidas neoliberais dos governos Collor, Itamar, FHC e agora Lula, que promoveram cortes no Orçamento destinados à Saúde pública para pagar a dívida com o FMI. Também jogaram sobre os municípios a responsabilidade do gerenciamento da saúde, sem garantir as verbas necessárias, que continuaram sendo desviadas para engordar o superávit primário.

Nos estados e municípios, os governo do PT, por sua vez, mantêm a mesma política de privatização e sucateamento da saúde: cortando verbas, respeitando a Lei de Responsabilidade Fiscal e privilegiando os empresários dos planos de saúde, que estão impondo reajustes violentos aos 39 milhões de conveniados.

Não podia ser diferente para um governo que governa para empresários contra os trabalhadores. A nova prova disso, são as revelações divulgadas pela mídia envolvendo o ministro Luiz Gushiken com as negociatas e disputas sórdidas entre empresários da Telecom. A ligação do ministro com grupos privados de Previdência, inclusive sendo sócio de uma consultoria que prestava serviços a esses grupos, é motivo de sobra para expulsá-lo de seu cargo. Mas para um governo que privatizou a Previdência no Brasil, isso seria no mínimo incoerente.

RESPONDER COM LUTAS

Felizmente, a ficha está caindo, e é cada vez maior o número de trabalhadores que começa a ver que Lula e o PT são iguais ao resto e vão às lutas. Um exemplo são as greves dos estudantes, professores e funcionários das Universidades estaduais em São Paulo (completando mais de dois meses de greve) e as greves que começam a pipocar nas universidades federais, como nas universidades da Bahia e da Paraíba. Estas greves precisam organizar a luta contra a reforma Universitária, que o governo Lula pretende impor para privatizar as universidades públicas. Fazer isso significa enfrentar a direção governista da UNE e da CUT.

FOTO WLADIMIR SOUZA

PT MANTÉM a mesma política de privatização e sucateamento da Saúde

Nas eleições, o PSTU colocará suas candidaturas a serviço destas mobilizações. Pretendemos avançar na construção de uma alternativa de esquerda a este governo lacaio dos empresários e dos banqueiros. A eleição de Lula, seguida da traição ao povo, comprova que não é através da democracia dos ricos que haverá mudanças. Só a mobilização permanente dos trabalhadores muda a vida.

FALA ZÉ MARIA

Porque estamos rompendo com a CUT

José Maria de Almeida, o Zé Maria, é Presidente Nacional do PSTU

MOVIMENTO sindical no País começa a se recompor

Nesta terça feira, dia 27 de julho, entrego formalmente meu pedido de licença da executiva nacional da CUT. É uma licença necessária para dar tempo a que a discussão sobre a ruptura com a CUT chegue às bases, quando então deveremos nos desligar (eu e a companheira Vera Guasso) definitivamente.

Iniciou-se já o processo de ruptura com a CUT. Além dos sindicatos e da Federação do setor metalúrgico de Minas Gerais, dos Sindicatos de Santa Catarina que assinaram uma carta-manifesto abrindo o debate da necessidade de desfiliação, do Sindicato dos Metalúrgicos de São José dos Campos que acaba de abrir essa discussão com a categoria e de várias outras entidades em todo o país que se preparam para fazer o mesmo.

Estamos começando a viver a materialização da recomposição aberta no movimento sindical pela nova situação aberta no país com a posse de lula. A integração da CUT à base de apoio do governo, que aplica hoje no país o programa econômico do FMI, a coloca na trincheira oposta à dos trabalhadores brasileiros. As relações e interesses econômicos que se estabelecem entre a Central, o Estado e mesmo setores importantes do empresariado sepultam qualquer possibilidade de recuperação deste que foi um importante instrumento de luta dos trabalhadores brasileiros.

FOTO RICARDO STUCKERT / AG. BRASIL

Lula aplaude a posse da nova direção da CUT

A rebelião que isso começa a provocar na base da CUT (estas entidades que iniciam já o processo de desfiliação são, na verdade, a ponta de um iceberg) cria, por outro lado as condições para que se inicie também a construção de uma alternativa para a luta dos trabalhadores. A Conlutas é a melhor expressão disso neste momento. E é a esse desafio – o da construção dessa alternativa de luta para os trabalhadores brasileiros – que os sindicatos e federações que se desfiliam da CUT estão comprando.

As reações já começaram por parte da burocracia que dirige a CUT. Mas é preciso registrar, lamentavelmente, que é da esquerda da Central (Fortalecer a CUT e uma parcela do P-SOL) que chegam os ataques mais duros. Justamente da esquerda que diz ser contra a transformação da CUT em uma entidade chapa-branca, e que deveria, somar-se à construção de uma alternativa para a luta da nossa classe.

Também fomos (todos os que fundamos a CUT) acusados de divisionistas, de abandonar a disputa pela base das Confederações, quando decidimos, em 1983 fundar a Central, mesmo com a divisão que isso causou no movimento sindical de então. Naquela época, os ataques mais duros à fundação da CUT vinham também de setores da "esquerda" representada pelo PCdoB e MR8, principalmente. A pretexto de defenderem a unidade da classe trabalhadora, defendiam a velha pelegada que era um obstáculo à luta desses mesmos trabalhadores. A história deu seu veredito.

Hoje vemos repetirem-se essas mesmas críticas contra os setores da nossa classe que se rebelam e se movem para construir uma alternativa. Da mesma forma que naquele momento, a luta de classes tem o seu curso. E cobrará de cada um a responsabilidade pelas suas políticas neste momento tão importante da história de nosso país.

PPP É CHAMARIZ PARA FINANCIAR CAMPANHA PETISTA

O PT ESTÁ organizando comitês de empresários em várias cidades do país, para discutir o projeto Parcerias Público-Privadas (PPP) em tramitação no Congresso. Com isso, ele atrai a burguesia para o financiamento da sua campanha eleitoral

DIEGO CRUZ, da redação

A idéia é tão simples quanto perversa. O PT planeja arregimentar cerca de 20 mil empresários em mais de 5 mil municípios brasileiros. Organizados em comitês, os empresários captariam recursos para as candidaturas petistas e, em troca, negociariam com o PT projetos baseados nas PPPs. O Diretório Nacional do partido gastará cerca de R$ 25 mil por mês nesses comitês, que contarão com a coordenação do empresário paulista José Carlos da Almeida.

Entre os empresários contatados pelo partido figuram nomes de proprietários de grandes empresas brasileiras, como, por exemplo, Lawrence Pih, dono da Moinho Pacífico, o maior moinho de trigo da América Latina. O encarregado pelo PT para comandar os empresários do Mato Grosso do Sul é José Carlos da Costa, proprietário da JB, maior produtora de carne do país.

O projeto dos comitês empresariais foi lançado oficialmente pelo Diretório Nacional do PT em abril, durante a inauguração do Conselho Nacional de Empresários. Tal conselho reúne 50 grandes empresários de todos os estados e serve como modelo para os Conselhos Municipais. No entanto, apesar de não ser um projeto recente, até agora não se sabia da ligação entre os comitês empresariais e o projeto de Parcerias Público-Privadas elaborado pelo governo Lula.

MUITO ALÉM DAS ELEIÇÕES

Os comitês estão sendo formados, primeiramente, objetivando a captação de recursos para as candidaturas petistas nas eleições municipais de 2004. Segundo a notícia do lançamento do Comitê Nacional, divulgado pelo próprio *site* do PT, em abril, "*só a atitude de apoio de empresários conhecidos a candidaturas petistas numa localidade tem um impacto significativo sobre o eleitorado*".

Porém, a estratégia de organizar empresários em núcleos do PT muito mais além das eleições. Segundo revela a mesma notícia do *site* petista: "*os comitês continuam atuando após a eleição, com acompanhamento da aplicação de programa de governo e proposição de políticas públicas ao Legislativo e Executivo municipais*". O PT prova, assim, que continua a se organizar em núcleos de base, como em sua fundação. O que muda é a classe que o sustenta.

SAIBA MAIS

ALGUNS DOS EMPRESÁRIOS QUE COMPÕEM OS COMITÊS DO PT NOS ESTADOS

São Paulo
Lawrence Pih
Moinho Pacífico

Rio de Janeiro
Jorge Olmar Marialva Copello
Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro

Alagoas
Joaquim Antonio Brito
Cia. Energética de Alagoas

Espírito Santo
Manoel Wanderley de Oliveira
Vitória Transportes

Góias
Aguimar Jesuíno da Silva
Pecuarista

Rondônia
Nério Lourenço Bianchini
Madeireira Catarinense

Projeto para beneficiar banqueiros

PARCERIAS poderão durar até 30 anos, não tendo qualquer limite quanto aos valores contratados e dão enormes vantagens aos empresários e ao sistema financeiro

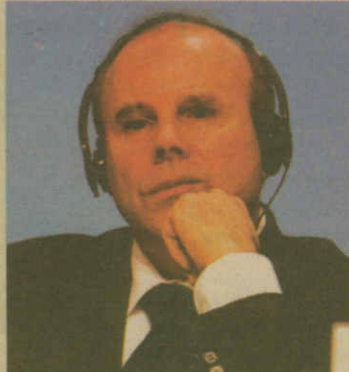
** JOSÉ AUGUSTO ALVARENGA*, especial para o *Opinião Socialista*

O governo Lula encaminhou ao Congresso Nacional o Projeto de Lei nº 2.546/2003, que altera o regime dos contratos da administração com empresas privadas para a construção de obras e prestação de serviços de interesse público. O projeto também altera as regras sobre licitação, que é o processo pelo qual a administração estabelece a concorrência entre as empresas interessadas na realização da obra ou no fornecimento do serviço e escolhe a vencedora, contratando com esta em seguida. É o contrato de Parcerias Público-Privadas. A empresa privada, nessa modalidade de contrato, contrairia um empréstimo financiado pelos bancos, a fim de cumprir os compromissos assumidos junto à administração.

Pela legislação atual, o contrato é administrativo, o que confere ao poder público uma série de vantagens e prerrogativas próprias das normas de Direito administrativo e Direito público. Com a aprovação das novas regras, o contrato passaria a ter um perfil nitidamente obrigacional, sendo regulado pelas normas e princípios do Direito privado.

As principais diferenças são as enormes vantagens concedidas à iniciativa privada para que ela preste serviços e execute obras de interesse público. Em troca, a administração abandonaria as vantagens de que dispõe hoje, inclusive oferecendo grandes somas de recursos públicos como garantia aos bancos financiadores do empréstimo às empresas contratadas.

Assim, o poder público abriria mão de direitos como: o poder de modificar ou rescindir unilateralmente, segundo o interesse público, o contrato, em certas circunstâncias graves; a possibilidade de ocupar provisoriamente bens, pessoal e serviços no caso de apuração de irregularidades na prestação de serviços essenciais pela empresa privada; a capacidade de alterar, sem a prévia concordância da empresa privada, as cláusulas econômico-financeiras e monetárias (por exemplo, estabelecer novos preços e tarifas), a fim de preservar o equilíbrio do contrato; a exclusividade do controle da execução do contrato e a aplicação de penalidades por faltas cometidas pela empresa; o benefício da interpretação sempre restritiva das vantagens da empresa particular; e a possibilidade de a administração declarar a nulidade do contrato retroativamente.

FOTO ANTÔNIO MILENA / AG. BRASIL

Ministro do Planejamento, Guido Mantega, participa de mesa redonda na Unctad em São Paulo

Os contratos da administração com as empresas privadas antes eram limitados a um ano, restritos à disponibilidade orçamentária, prorrogável tal prazo a período total não excedente a 60 meses. Pela proposta, esses contratos poderão durar até 30 anos, não tendo qualquer limite quanto aos valores contratados. As regras moralizadoras presentes na legislação atual, tais como o acesso do cidadão às informações sobre as obras contratadas, são substituídas por novas, completamente abertas ao acerto eventual entre os contratantes.

No entanto, as vantagens oferecidas ao contratante privado e à instituição financeira que com este contrate empréstimo para a realização da obra ou prestação do serviço público são imensas. Por exemplo, o projeto dá preferência ao pagamento das obrigações oriundas dos contratos de parceria, facilitando a liberação desses recursos orçamentários em relação às demais obrigações da administração pública com outro particular.

Resumindo, trata-se de um presente do governo Lula aos corruptos e aos grandes bancos, sobretudo os estrangeiros, que dispõem de maiores recursos para financiar as obras e prestação de serviços. Tanto que o FMI e o Banco Mundial estão exigindo a aprovação das Parcerias Público-Privadas como condição para eventuais empréstimos.

Se a proposta de Lula é politicamente vergonhosa, do ponto de vista jurídico ela é ilegal e inconstitucional, pois os direitos e poderes a que a administração pública renuncia em favor dos grandes empresários e banqueiros são indisponíveis, ou seja, não podem ser negociados e abdicados de forma alguma, sobretudo porque dizem respeito ao interesse público. Mas essa já é outra conversa.

** José Augusto é advogado de sindicatos em Santa Catarina*

AS NOVAS SENZALAS DO BRASIL

O TRABALHO ESCRAVO contemporâneo é a face mais degradante do capitalismo. Estimativas da Organização Internacional do Trabalho e da Comissão Pastoral da Terra apontam que existem entre 25 e 40 mil escravos, apenas nas áreas rurais

***JEFERSOM CHOMA**, da redação*

Diferentemente do que existia até o final do século 19, a escravidão contemporânea não é incompatível com a existência do capitalismo mais moderno. Segundo levantamento publicado pelo jornal *Folha de S.Paulo* no dia 18 de julho, o trabalho escravo atual está presente principalmente no que conhecemos como agro-negócio. As imensas fazendas e empreendimentos agrícolas voltados para a exportação utilizam o que existe de mais avançado em termos de tecnologia, ao mesmo tempo em que submetem trabalhadores a condições desumanas de trabalho.

A forma de trabalho forçado mais comum é conhecida como peonagem. O trabalhador é aliciado por um *gato*, uma espécie de recrutador de mão-de-obra, que promete trabalho digno e bem-remunerado. Atraído, o trabalhador chega ao local e se depara com alojamentos precários e alimentação vendida em sistema de extorsão (por exemplo, o quilo do arroz chega a ser vendido a R$ 5). Com isso, vários trabalhadores não recebem nada, pois têm suas "dívidas" contraídas permanentemente descontadas nos seus salários.

A barbárie da escravidão contemporânea é extremamente lucrativa. O custo é praticamente zero para os latifundiários. No máximo é pago o transporte e alguma pequena dívida do trabalhador em algum hotel ou no comércio. Após ser recrutado, o trabalhador é mantido sob coerção e ameaças de morte. Muitos são assassinados por jagunços ao tentar fugir.

PARÁ: "EXPRESSO DA ESCRAVIDÃO"

O Sul do Pará é a região onde existem os maiores números de denúncias de trabalho escravo. As primeiras foram feitas nos anos 70 e ficaram mundialmente conhecidas por envolverem propriedades de grandes multinacionais, como a Volkswagen. Hoje a principal rota de mão-de-obra escrava é a linha ferroviária entre São Luís e Carajás, conhecida como "Expresso da Escravidão". Por ela, desempregados do Maranhão acabam se tornando escravos no Pará. Em 9 anos, o Pará registrou 5.224 casos de resgate de trabalhadores rurais por agentes do Ministério do Trabalho, quase a metade dos resgates do país no período, que somam 11.969 trabalhadores.

SÃO PAULO: AS SENZALAS BOLIVIANAS

Bairros centrais da capital paulista, como o Brás e o Bom Retiro, abrigam milhares de imigrantes bolivianos, que fogem da miséria e do desemprego de regiões inteiras da Bolívia. Ao chegar no Brasil, de forma irregular, os imigrantes acabam sendo recrutados para trabalhos degradantes em pequenas indústrias de confecção, onde recebem, em média, R$ 0,50 por peça produzida. Além disso, cumprem jornadas de 14 a 16 horas diárias e são descontados com despesas em moradia e alimentação. Os patrões ainda ameaçam denunciar os empregados à Polícia Federal.

Assim se estabelece uma relação de semi-escravidão, já que o trabalhador boliviano é obrigado a trabalhar por muitos anos até saldar suas dívidas. Voluntário da Pastoral do Migrante Latino-Americano, o boliviano Jorge Meruvia declarou ao ***Opinião Socialista***, que muitos trabalhadores dormem na própria fábrica. *"Um caso que me chocou bastante, foi o de uma mulher que estava grávida e não podia sair nem para fazer o pré-natal, acabou tendo a criança no banheiro daquela maldita oficina"*, disse indignado Meruvia.

Políticos estão ligados à escravidão

PARA VOTAR o salário mínimo, Lula faz acordos com bancada ruralista

Vários deputados e senadores mantêm trabalhadores cativos em suas fazendas. No final do ano passado, por exemplo, o deputado federal Inocêncio de Oliveira (PFL) foi indiciado pelo Ministério Público do Trabalho, por manter cerca de 53 trabalhadores em regime de escravidão em sua fazenda no Maranhão. Em geral, quando denunciados, esses políticos alegam inocência e põem a culpa em seus capatazes.

Para aprovar sua proposta de salário mínimo no Congresso Nacional, o governo Lula fez um acordo com a bancada ruralista, colocando na geladeira o projeto que desapropria para fins de reforma agrária as terras onde há trabalhadores em regime de escravidão.

Em troca da manutenção do arrocho sobre os trabalhadores, Lula faz vistas grossas para a degradação humana imposta por estes coronéis. Mas para quem tem no seu governo dois eminentes representantes do latifúndio, como os ministros Roberto Rodrigues e Luiz Fernando Furlan, não se podia mesmo esperar outro tipo de atitude.

FOTO SEBASTIÃO SALGADO

Riscos e impunidade: ameaças fazem parte do cotidiano de fiscais

ASSASSINATO de fiscais do trabalho em Unaí (MG) completa seis meses

***SEBASTIÃO CARLOS "CACAU"**, de Belo Horizonte (MG)*

No dia 28, completaram-se seis meses da execução dos auditores fiscais do Ministério do Trabalho Nélson José da Silva, Erastótenes de Almeida Gonçalves e João Batista Soares Lage e do motorista Ailton Pereira de Oliveira, ocorrida na cidade de Unaí (MG). Os fiscais investigavam a ocorrência de trabalho escravo em lavouras de feijão da região. Todos os indícios apontam para uma execução planejada por latifundiários.

Muito querido pelos trabalhadores e odiado pelos fazendeiros, Nélson sofria ameaças constantes. Seu trabalho vinha dificultando a atuação dos gatos. Mesmo assim, Nélson não trabalhava com qualquer proteção especial. O prefeito do município, José Braz da Silva (PTB), é uma liderança ruralista de peso e responde a um inquérito por trabalho escravo em sua fazenda na cidade de Curiópolis, no Sul do Pará.

Segundo o atual presidente do Sindifisco/MG, Lindolfo Fernandes, "setores do crime organizado passaram a executar os servidores quando estes estão trabalhando". Para Lindolfo, é real a possibilidade de crimes como esse voltem a acontecer.

NOTA DA REDAÇÃO:
Quando fechávamos esta edição, seis suspeitos foram presos, em Formosa (GO), pelas polícias Federal e Civil. Quatro são suspeitos de ter participado do assassinato e dois seriam intermediários. Os mandantes não foram identificados. O carro usado no crime foi visto no Lago Paranoá, região nobre de Brasília, onde moram políticos e ministros.

BRASIL, UM PAÍS DOENTE

A situação caótica pela qual passa a Saúde Pública no Brasil é expressão do sucateamento e privatização do setor

***EDUARDO ALMEIDA**,*
da redação

O capitalismo neoliberal atinge a saúde dos trabalhadores e do povo pobre de duas formas. Todas as duas violentíssimas. Por um lado, o desemprego aumenta, o salário diminui e as populações de bairros pobres sofrem com a falta de saneamento e habitações precárias. Isso favorece o aparecimento de doenças. Por outro lado, a privatização da saúde leva ao sucateamento dos hospitais públicos. O povo, doente, tem cada vez menos assistência. A falta de controle sobre as indústrias farmacêuticas leva ao encarecimento dos remédios.

Às doenças infecciosas tradicionais (pneumonia, tuberculose, diarréias etc) somam-se às novas (AIDS), e, devido às péssimas condições de vida e cortes de verbas na área da saúde, antigas doenças voltam a aparecer (cólera, dengue).

As doenças crônicas (hipertensão, diabetes etc) levam a utilização de medicação continuada, mas os remédios ficam cada vez mais caros.

Os trabalhadores sofrem com índices altíssimos de acidentes de trabalho, por falta de equipamentos de segurança. O estresse no trabalho aumenta o número de enfartes e acidentes vasculares cerebrais. O desemprego aumenta os casos de ansiedade e depressão, assim como a violência doméstica.

A PRIVATIZAÇÃO da saúde foi acelerada a partir dos planos neoliberais, desde o governo Collor

A PRIVATIZAÇÃO DA SAÚDE

A privatização da saúde foi acelerada a partir dos planos neoliberais, desde o governo Collor, FHC e agora Lula. A "municipalização da saúde" faz parte deste plano. Isto porque os municípios, através do Sistema Único de Saúde, tornam-se responsáveis pelas gestões de hospitais e postos de saúde, mas as verbas correspondentes são cortadas para ampliar o superávit das contas do governo.

Todos os que enfrentam filas nos hospitais e nos postos de saúde sabem da precariedade da saúde pública. Entretanto, a maioria não sabe que este sofrimento pode ser explicado a partir de três letras: FMI.

O governo federal, ao mesmo tempo em que corta as verbas da saúde pública, repassa dinheiro para os hospitais particulares que praticam fraudes e barbaridades para ampliar seus ganhos. Hoje, mais de 70% dos leitos hospitalares estão sob controle privado.

O governo Lula, assim como as prefeituras petistas, mantém a mesma lógica neoliberal também na saúde: corta verbas para a saúde pública, estimulando os planos de saúde e fazendo vistas grossas para as falcatruas. É o caos para os trabalhadores.

Evidentemente, não é a mesma situação para todos. A burguesia e a alta classe média têm hospitais excelentes e modernos nas principais capitais do país, com todo o conforto e os recursos diagnósticos mais recentes.

FOTO WLADIMIR SOUZA

O dia-a-dia em um pronto-socorro público

Um dia em um pronto-socorro (PS) público é uma experiência revoltante. Para quem trabalha nessa área há muitos anos, a sensação é que cada dia a situação fica pior.

Os PSs públicos vivem superlotados. Nos corredores, enfermarias improvisadas são montadas, com pacientes amontoados, como na foto da capa desta edição. Muitos gemem, reclamam a atenção que não vem. Frascos de soro vazios pendurados denunciam o atraso na medicação.

As condições de trabalho são geralmente péssimas. Em uma semana, faltam analgésicos; na outra, a fita para fazer o dextro (teste para avaliar o nível do açúcar em diabéticos); na seguinte, o eletrocardiograma está quebrado.

Os pacientes esperam horas para serem atendidos. Quando chegam à consulta, já estão enraivecidos. Depois, vem o inferno para conseguir os remédios, em falta em muitos postos de saúde, e o povo não pode comprá-los. Além disso, muitas vezes o paciente é encaminhado para um especialista (cardiologista, endocrinologista etc), e a demora é de três ou quatro meses para o atendimento.

Os funcionários ganham pouco e trabalham muito. Seus salários estão congelados há dez anos. Recentemente, uma greve em São Paulo conseguiu, depois de mais de um mês, um reajuste de menos de R$ 100 para os auxiliares de enfermagem. Estes auxiliares precisam ter pelo menos dois empregos, para ganhar um salário decente.

Os médicos têm uma carga horária de 90 horas semanais, ou mais, em vários empregos. Em todos os PS que conheço, existem muitos médicos que trabalham 120 horas semanais. Não é difícil imaginar como vivem cansados e irritadiços, sem tempo para estudar ou sequer ter vida pessoal. Em um dia de PS, os médicos atendem, freqüentemente, de 80 a 100 pacientes.

Nas salas de emergência, todos os dias duras escolhas são feitas. Como não há vagas suficientes nas Unidades de Terapia Intensiva (UTIs), é preciso escolher quem tem mais chances de sobreviver para ser atendido. Os outros ficam com suas chances ainda mais reduzidas.

Os conflitos são inevitáveis entre os pacientes, revoltados pelo péssimo atendimento, e os trabalhadores da Saúde, insatisfeitos com os salários e as condições de trabalho. O problema é que nem uns nem outros são responsáveis por essa situação e, sim, o governo, que não investe na Saúde Pública.

Eduardo Almeida é médico de pronto-socorro em São Paulo

O ARRASTÃO DOS PLANOS DE SAÚDE

Atualmente existem cerca de 39 milhões de pessoas nos planos de saúde privados no Brasil. Como em todas as empresas privadas, o objetivo desses planos é o lucro. Isto, na saúde, mais que em outras áreas, mostra a crueldade social do capitalismo.

Muitos desses planos de saúde pagam pouquíssimos impostos, ou não pagam diretamente, como a Unimed. São considerados de "utilidade pública". Conseguem essas mamatas através de financiamento de campanhas eleitorais e relações fraudulentas com os governos.

Apesar de pagar durante anos pelos planos, quando o trabalhador adoece é um incômodo. Quando envelhece, pior ainda. Agora, as empresas decidiram forçar os idosos a abandonar os planos de saúde, por meio de aumentos violentos. Para isso, elevaram em até 82% os contratos feitos antes de 1999; a maioria dos segurados, cerca de 21,5 milhões, é de pessoas idosas. Isso é um verdadeiro arrastão, um assalto promovido por um bando de mafiosos.

Recentemente, a *Folha de S.Paulo* publicou que um casal de aposentados – ele com 73, ela com 66 anos – recebe R$ 1.300. Paga o plano de saúde Bradesco há 19 anos, e a mensalidade, em maio, já estava em R$ 1.469. Os filhos complementavam a diferença. O casal recebeu um aviso de que sua mensalidade passaria para R$ 2.660. Não sabe o que fazer.

Esta situação não sensibiliza os donos dos planos. Para justificar os reajustes, o diretor da Federação das Seguradoras, Horácio Catapreta, declarou que os segurados *"economizaram muito dinheiro nos últimos anos pelos reajustes baixos"*, reajustes que, na verdade, atingiram 248% nos últimos sete anos, antes dos atuais 82%.

LUTA DOS MÉDICOS E GUERRA JURÍDICA

Os planos de saúde exploram os médicos com salários e honorários baixos. Mesmo com os aumentos cobrados, há dez anos não reajustam os pagamentos aos médicos conveniados, que recebem até R$ 8 por consulta. Atualmente, há uma mobilização nacional inédita dos médicos contra esses planos.

Há uma crise em todo o setor, uma guerra jurídica. Pela lei que regulamenta os planos de saúde, de 1998, os usuários teriam reajustes que poderiam ser "regulados" pela Agência Nacional de Saúde Suplementar. O Supremo Tribunal Federal revogou parte dessa lei, desobrigando os planos de saúde a aceitar o controle de seus preços, sobre os contratos feitos antes de 1999. Essa decisão absurda abriu as portas para os reajustes de até 82%. Mas em vários estados, existem decisões de juízes independentes que estão anulando os reajustes. O caos jurídico está estabelecido e os usuários não sabem o que fazer.

O governo Lula, o ministro da Saúde Humberto Costa e a Agência Nacional de Saúde Suplementar, que deveriam defender os interesses dos segurados, não intervêm nos planos porque têm o rabo preso com a máfia do setor. Neste país, quando alguém rouba um prato de comida é preso. Quando um bando de empresários mafiosos promove um assalto público contra velhos indefesos, nada acontece.

FOTO J. FREITAS / AG. BRASIL

A farsa dos genéricos

Ao contrário do que diz a propaganda do PSDB, a passagem de José Serra pelo Ministério da Saúde foi desastrosa para a indústria nacional de medicamentos e para o povo. A utilização dos genéricos, que poderia ser um avanço para a população foi transformada em um grande negócio para a indústria farmacêutica.

Serra abriu as fronteiras para que as multinacionais importassem diretamente, sem impostos, os genéricos. Com isso, as importações de insumos e remédios saltaram de US$ 50 milhões em 1990 para US$ 2,5 bilhões em 2001. *"Nós viramos uma zona franca para importação de remédios"*, denunciou o presidente da Associação de Laboratórios Farmacêuticos Nacionais (Alanac), Dante Alário Júnior. Segundo dados da entidade, o incentivo às importações de remédios fez com que o consumo de produtos fabricados no exterior pulasse de 1% para 30% do mercado.

A isenção do imposto de importação, além de desestimular a produção interna e agravar o desemprego no setor, colocou as empresas nacionais em situação difícil. Não havia como concorrer com os produtos importados, que estavam praticamente isentos de pagamentos de impostos. O resultado: além da explosão das importações, várias empresas nacionais fecharam suas portas ou foram vendidas para empresas estrangeiras.

A CRISE DA INDÚSTRIA NACIONAL

Além de presentear os laboratórios estrangeiros com isenção nos impostos para importação dos genéricos, o governo FHC passou a aceitar os certificados que eram obtidos em órgãos de outros países, como o norte-americano FDA, para permitir que as empresas estrangeiras lançassem seus "genéricos" no Brasil. Já as empresas nacionais eram obrigadas a realizar testes de bioequivalência para registrar os genéricos produzidos dentro do país. Testes demorados e que chegavam a custar US$ 60 mil. O resultado foi a invasão de produtos "genéricos" fabricados no exterior e importados pelas multinacionais.

Além das isenções fiscais, Serra presenteou os monopólios com aumentos de preços muito acima da inflação, tanto nos genéricos como nos remédios de marca. Com isso, a vantagem que poderia haver com o uso dos genéricos – o preço – desapareceu.

Os patrões da indústria farmacêutica estrangeira jamais ganharam tanto dinheiro no Brasil como na gestão do tucano. Quando da votação da lei de Patentes, que era o golpe de misericórdia na indústria nacional, Serra atuou freneticamente como lobista no Congresso Nacional em favor do reconhecimento das patentes do cartel farmacêutico. Na época, o próprio governo norte-americano interferiu a favor das patentes. E Serra, no Congresso, era o principal porta-voz dos interesses americanos. Com as patentes, produtos e processos registrados no exterior ficaram proibidos de serem utilizados ou fabricados pela indústria nacional.

LUIZ CARLOS PRATES, 'MANCHA', candidato a prefeito de São José dos Campos (SP)

"É preciso uma saúde pública, estatizada e de qualidade"

"É preciso mudar radicalmente a situação da Saúde pública. O objetivo deve ser uma Saúde pública e gratuita em todos os níveis, e de qualidade. A única forma de mudar a situação atual é a ruptura com a atual política econômica de submissão ao FMI e pagamento das dívidas. Só parando de pagar a dívida, e rompendo com a lógica dos superávits primários, é possível investir na saúde pública. Em nível municipal, é necessário parar de pagar a dívida ao governo federal e ampliar o orçamento da saúde. Para isso teremos de romper com a Lei de Responsabilidade Fiscal, voltada somente ao pagamento das dívidas, sem nenhuma responsabilidade social.

Além disso, é necessário enfrentar a máfia dos planos de saúde e hospitais privados, para acabar com os abusos contra os pacientes."

Trabalhadores da Saúde de São Paulo em protesto contra Alckmin

- *Não à privatização da saúde. Por um Sistema Único de Saúde completamente estatal e gratuito.*
- *Dobrar o orçamento da saúde, em nível federal, estadual e municipal, com o dinheiro do não pagamento das dívidas.*
- *Nenhum repasse de verbas para a saúde privada. Expropriação dos hospitais particulares.*
- *Intervenção e expropriação dos planos de saúde privados que aumentem as mensalidades dos segurados.*
- *Aumento salarial para os trabalhadores da saúde. Redução da carga horária sem redução salarial.*
- *Conselho Popular de Saúde, composto pelos sindicatos dos trabalhadores da saúde e associações populares dos usuários, que controlem as verbas e investimentos necessários, e fiscalizem a qualidade do atendimento.*

COMPANHIA DO LATÃO: POR UM TEATRO ANTICAPITALISTA

FOTOS DIVULGAÇÃO

SÉRGIO CARVALHO é diretor da Companhia do Latão, um dos grupos mais importantes do país na atualidade. Trabalha com o teatro numa perspectiva crítica anticapitalista, procurando romper com a mercantilização da cultura, que faz com que o espectador esteja impregnado de uma atitude de consumidor, que conforma toda sua perspectiva e sua relação com a arte. Nesse sentido, o artista de teatro hoje tem de lidar com um público que, em sua maioria, está sendo educado para o consumo de um produto final e não para encarar a arte como um processo de criação. Romper com essa lógica é a proposta que a Companhia do Latão vem apresentando em suas montagens, algumas de grande importância e receptividade, como *Santa Joana dos Matadouros* e *Dias de Comuna*, de Bertold Brecht, além do espetáculo *A Comédia do Trabalho*, criação coletiva do grupo sobre o desemprego. Nesta entrevista ao Opinião Socialista, Sérgio, que dirige a Companhia com Márcio Marciano, explica a proposta de trabalho do grupo.

***CECÍLIA TOLEDO**, da redação*

A Companhia tem feito um trabalho inovador, procurando romper a divisão entre trabalho intelectual e material no teatro. Como se dá isso?

O primeiro desafio de um grupo teatral interessado numa reflexão anticapitalista é revolucionar a própria prática de trabalho. O discurso crítico é insuficiente se não se converter em novas formas de produzir, numa atitude coletivizante que precisa se tornar visível e partilhável pelo público. Nesses sete anos, a Companhia do Latão sempre encenou peças-processo. Algumas nós chamamos mesmo de "ensaios": incompletas e reflexivas, porque feitas para desencadear uma atividade dos sentidos, uma percepção histórica. É como se ao público fosse negada a perspectiva convencional do produto artístico pronto, que gera prazeres previsíveis. É como se estivéssemos dizendo que os processos são mais importantes que os produtos, que o valor de uso está acima do de troca. Isso só se torna uma atitude, com força artística, quando na sala de ensaio todos participam do conjunto da obra.

Esse método se adapta apenas a grupos que já conhecem as técnicas teatrais ou serve também para aqueles que nunca fizeram teatro antes?

Qualquer grupo teatral pode trabalhar em bases igualitárias. Só que isso implica uma dura e difícil negação dos padrões estéticos e dos hábitos dominantes. É preciso ir contra as expectativas de acerto burguês, descobrir imposições muitas vezes internalizadas e inconscientes, desmontar o personalismo da atuação, os idealismos autoritários da direção, o mito de que o diálogo com o público depende do agrado fácil. A mudança às vezes exige radicalização em sentido contrário, para deflagrar a contradição: pôr as ações à frente das palavras do texto, o improviso e a invenção livre acima do plano fechado, até que se encontre um método pelo qual todos caminhem juntos e reconheçam o motivo de cada escolha.

Atores da Companhia do Latão em cena

O que são as Oficinas de Teatro Dialético?

Estamos preparando para o segundo semestre algumas oficinas destinadas a integrantes de movimentos sociais. A idéia é formar "brigadas teatrais", compostas por pessoas que possam contribuir para a formação de grupos novos interessados em teatro crítico.

O que a Companhia do Latão está encenando agora?

Estamos estudando a obra de Machado de Assis, alguns de seus contos, para um novo espetáculo.

O tema ainda está em aberto, talvez uma sátira aos produtores reacionários de "cultura" em nosso país. Assim como fizemos em *A Comédia do Trabalho*, será uma montagem de curto-circuito entre a farsa e a tragédia, de modo que a história não esteja dada, mas fique à espera de construção. Ainda não consigo falar nada de mais concreto.

QUADRINHOS

OS HERÓIS FORAM DAR UMA VOLTA

MINISSÉRIES levam personagens para a URSS e para a corte da rainha Elisabeth

***GUSTAVO SIXEL**, da redação*

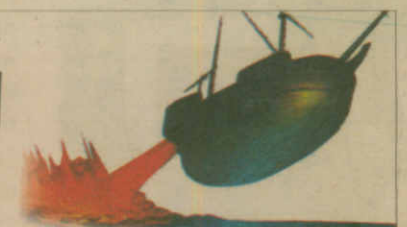
Em 1977, a *Marvel* criou a série *What if...?*, publicada aqui anos depois como *E se...?* e *O que aconteceria se...?*. Eram histórias curtas, com desfechos alternativos. Narrada pelo *Vigia*, personagem cujo papel é observar o Universo, a série trazia histórias como *O que aconteceria se a Elektra não tivesse morrido?*

O capítulo seguinte foi repleto de histórias com mundos alternativos, realidades paralelas e viagens no tempo, que satisfaziam a um público entediado com a rotina de heróis derrotando arqui-inimigos. Em duas minisséries recém-lançadas – *Entre a Foice e o Martelo* e *1602* –, heróis tiram férias do roteirista e surgem em outro momento da história.

A primeira é com o *Superman*. No melhor estilo *O que aconteceria se...?*, o mais careta dos heróis torna-se um herói soviético, na Guerra Fria. Em vez de sua nave despencar em uma fazenda nos EUA, desta vez ela cai na Ucrânia. Stalin o usa como estandarte do regime e o enche de mimos. *Superman* sucede Stalin e torna-se um superburocrata. Com computadores e superpoderes, controla os habitantes da União Soviética, que engloba quase todos os países do mundo. Contra ele, estão EUA e Chile (?) e uma rebelião liderada por *Batman*. Fora referências históricas discutíveis, o inusitado de um *Superman* stalinista já justifica a leitura.

SANGUEBRUJOS

A série *1602*, em quatro partes, transporta heróis do universo *Marvel* quatrocentos anos atrás, para a corte da rainha Elisabeth I, na Inglaterra.

Para os leitores de quadrinhos, uma atração a mais é reconhecer os personagens no contexto histórico, da morte da rainha, que conciliava os interesses da burguesia nascente com os da nobreza, e de sua sucessão pelo rei da Escócia. *Nick Fury*, chefe da Shield, espécie de CIA nos quadrinhos, surge como chefe do Serviço de Inteligência. O

Demolidor é um de seus agentes e o *Homem-Aranha*, como *Peter Parquagh*, é seu assistente. *Dr. Estranho*, *Quarteto Fantástico*, *Thor*, *Dr. Destino*, *Vigia* e *Elektra* estão na história, mas o melhor fica com os mutantes *X-Men*, *sanguebrujos* perseguidos pela Inquisição.

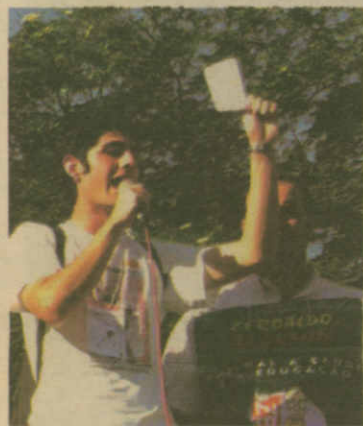
1602 marca a volta de Neil Gaiman às HQs. Em 1989, ele criou *Sandman*, saga protagonizada por *Morpheus*, senhor dos sonhos e um *perpétuo*, seres que personificam aspectos como desejo, morte e delírio.

UNIVERSIDADES PAULISTAS ULTRAPASSAM DOIS MESES DE PARALISAÇÃO

ATÉ O FECHAMENTO dessa edição, não havia se definido o resultado da reunião entre o Fórum das Seis e o CRUESP, ocorrida no dia 26. O CRUESP propôs novamente 2%, o que foi prontamente recusado pelos grevistas

JOSÉ EDUARDO GALVÃO, *de Campinas (SP)*

Professores, estudantes e funcionários da USP, Unesp e Unicamp ultrapassam dois meses de greve, enfrentando a mais dura intransigência e autoritarismo dos reitores e do governo Alckmin. Não conseguindo quebrar o movimento, os reitores e o governo passaram a criminalizar a greve unificada.

INDYMEDIA

José Galvão, estudante da Unicamp e do Comando de Greve

Os estudantes das três universidades foram reprimidos durante várias mobilizações da greve. Na ocupação da reitoria da Unesp, no dia 18 de junho, a polícia militar agrediu os alunos com cassetetes e gás pimenta. Já durante a votação da Lei de Diretrizes Orçamentárias na Câmara, quando os deputados recusaram o aumento do repasse às estaduais, os alunos também foram alvos de uma vergonhosa agressão da PM.

Na Unicamp, o reitor e presidente do Cruesp (Conselho de Reitores das Universidades Estaduais Paulistas), Carlos Henrique de Brito Cruz, deflagrou uma intensa perseguição política contra os estudantes que ocuparam a reitoria da universidade no dia 2 de julho. O reitor declarou que identificará o maior número possível de alunos que ocuparam o prédio e os processará. Como se não bastasse, Brito Cruz ainda exigiu que a Associação dos Docentes da Unicamp (Adunicamp) divulgasse moção de repúdio à ocupação. No entanto, o que a entidade divulgou foi uma moção repudiando a atitude autoritária do reitor.

MOBILIZAÇÃO BARRA REPRESSÃO NA USP

Já na USP, o reitor Adolpho José Melfi pediu reintegração de posse do prédio da Reitoria, que estava bloqueada pelo movimento de greve. A reintegração deveria ser executada até a manhã do dia 20. Melfi só não jogou a polícia em cima do movimento devido à mobilização de estudantes, docentes e funcionários, que resolveram resistir e armaram barricadas de pedra no portão do prédio. Após intensa negociação, o reitor foi obrigado a recuar do pedido de reintegração de posse.

FOTO DIEGO CRUZ

Manifestação unificada dos setores estaduais no Palácio dos Bandeirantes, sede do Governo de São Paulo

INTRANSIGÊNCIA NÃO DERROTA GREVE

No entanto, apesar de toda a repressão e truculência, o movimento não só não arrefeceu, como se radicalizou mais ainda. Na rodada de negociações do dia 20, o Fórum das Seis, que reúne entidades representantes de funcionários, estudantes e professores das três estaduais paulistas, arrancou uma proposta de 2% de reajuste do Cruesp, que antes só propunha 0%. O Fórum reivindica 9,41% de reajuste.

O movimento decidiu continuar a greve, pois a proposta do Cruesp é irrisória e os próprios reitores admitem que houve aumento da arrecadação do ICMS. Os funcionários da Unicamp retornaram à greve no dia 26. O Fórum das Seis, diante da postura do Cruesp e da força do movimento, deliberou pela intensificação e radicalização da greve.

Estudantes se mobilizam na Bahia

Uma assembléia de cinco mil estudantes deflagrou a greve na Universidade Federal da Bahia (UFBa), no dia 15 de julho. A pauta, que começou com reivindicações específicas, incorporou a luta contra a reforma Universitária.

A UJS/PCdoB tentou burocratizar e esvaziar o movimento. A esquerda do PT, embora tenha tido uma atitude radicalizada no início, no último momento se aproximou do PCdoB. O PSTU denunciou o posicionamento burocrático da UJS e a postura conciliadora da esquerda petista.

Apesar da UJS e do PT, o movimento resiste e, na quarta, dia 20, os professores entraram em greve. Os estudantes aprovaram em assembléia o lema: "*a UNE não fala em nosso nome*" em protesto ao posicionamento *chapa-branca* da entidade.

Estudantes paralisam as atividades na federal da Paraíba

LÍCIO ROMERO, *de João Pessoa (PB)*

Os estudantes da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) protagonizaram uma série de manifestações que surpreendeu toda a comunidade universitária e a sociedade em geral.

Os técnico-administrativos estão em greve e os docentes tinham indicativo para parar no dia 27. Os estudantes, em assembléia geral no dia 8 de julho, deflagraram uma mobilização que contou com a participação dos CAs, do DCE e de integrantes do Fórum contra a reforma Universitária. Um ato unificado com todos os setores da universidade, com mais de mil pessoas, denunciou o descaso do governo Lula com a Universidade, assim como o corte de verbas do reitor Jader Nunes.

FOTO GABRIEL BELTRÃO

Estudantes realizam manifestação cultural no portão da Universidade

No dia 21, uma assembléia definiu greve por tempo indeterminado. Com essa greve, o movimento na UFPB dá um importante passo na luta contra a reforma Universitária. Sabemos das conseqüências de tal reforma no ensino superior brasileiro: entre elas, a privatização do ensino público.

Tarso Genro foge e não comparece ao debate na reunião anual da SBPC

No dia 21 de julho, o ministro da Educação, Tarso Genro, não compareceu à reunião anual do SBPC (Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência), em Cuiabá (MT). Tarso participaria de um debate sobre a reforma Universitária. Sua assessoria alegou que ele teve outros compromissos profissionais. Para a comunidade universitária, Tarso não compareceu para evitar as manifestações radicalizadas contrárias à reforma Universitária. Mesmo assim, na solenidade de abertura da SBPC, os estudantes, funcionários e docentes atrasaram em de mais de uma hora o início da atividade, em protesto contra a reforma. Para estes, a reforma é o inicio da privatização da Universidade pública.

VIVEMOS UMA ETAPA DE "REFORMISMO SEM REFORMAS"?

O PRIMEIRO A DEFENDER que a época de reformas do capitalismo tinha se esgotado foi Lenin. Todas as sociedades estiveram colocadas, em algum momento, diante do desafio da mudança, e o resolveram, ora com métodos revolucionários, ora com reformas. As reformas foram mudanças negociadas que ajudaram a conservar a ordem político-social. As revoluções sociais são uma transformação nessa ordem, deslocando do poder a classe dirigente

VALÉRIO ARCARY, da Direção Nacional do PSTU

Se através de reformas fosse possível uma passagem para o socialismo, parece incontornável admitir que, em qualquer das inúmeras experiências em que forças se reivindicando socialistas chegaram ao poder através de eleições, já se teria, senão realizado, pelo menos iniciado uma transição pacífica. Afinal, há pelo menos cem anos que a maioria dos que se reivindicaram marxistas, em escala mundial, aderiram a alguma variante de estratégia reformista. No entanto, não só a estratégia de transição gradualista fracassou, como as condições que favoreceram, transitoriamente, concessões aos trabalhadores, sobretudo nos países imperialistas no pós-guerra, entre 1945/75 se esgotaram. Estamos na etapa do reformismo sem reformas, ou com reformas reacionárias.

Quando da precipitação da Primeira Guerra Mundial, Lenin concluiu que, à ruína da política de paz armada entre as potências – expressão da crise da supremacia inglesa – correspondia o fim do longo período de reformas e concessões do capitalismo ao movimento operário, que datava da derrota da Comuna de Paris. Avaliou que se tinha aberto com o imperialismo – que não era só uma política, mas um estágio ou fase político-econômica do metabolismo do Capital – uma época histórica de apogeu e, ao mesmo tempo, hegelianamente, de decadência do sistema: uma época de guerras e revoluções. A história sancionou ou não essa perspectiva?

TRÊS PROGRAMAS DE REFORMAS

As transformações com formas gradualistas predominaram enquanto reformas substantivas foram exeqüíveis, ou seja, quando conquistas – na forma de extensão de direitos – eram cedidas, porque um quadro geral de crescimento econômico se confirmava, e o temor da revolução batia à porta. Foi o medo de novos Outubros que abriu as portas das reformas nos países centrais. Quando, todavia, as reformas foram sistematicamente adiadas, como nos países colonizados no pós-guerra, as sociedades recorreram, mais cedo ou mais tarde, à revolução. Sem o conteúdo reformista das concessões nas relações sociais, os processos negociados das reivindicações se esgotam.

O primeiro reformismo inspirado no marxismo foi o de Bernstein, o protagonista da polêmica sobre o revisionismo, que sistematizou um programa a partir da experiência da "tática alemã" e dos "possibilistas" franceses. Ainda defendia o socialismo, retoricamente, isto é, a socialização da propriedade privada e a regulação econômica pelo planejamento, embora condicionasse a transição a uma estratégia de radicalização democrática, sem rupturas, através da extensão do sufrágio universal. Nas suas palavras:

"Plekhanov me coloca entre os 'adversários do socialismo científico', porque não julgo desesperada a situação do operário e porque aceito a possibilidade de melhorá-la."

Depois da Segunda Guerra, no entanto, a social-democracia européia, em especial a alemã, passou com armas e bagagens para o campo da reconstrução capitalista. Abandonou todas as veleidades a um programa socialista, e aderiu a uma versão de keynesianismo social, aceitando a economia dos grandes monopólios. Defendia uma "regulação social" do mercado, ou seja, uma política monetária e fiscal em que o Estado tinha o papel agigantado de disciplinar o Capital, para evitar novas crises como a de 1929. Inspirados na experiência escandinava propunham políticas públicas universais de extensão de direitos, como a Educação e a Saúde Pública, ou a Seguridade Social.

> **A SOCIAL-DEMOCRACIA européia, depois da Segunda Guerra, passou para o campo da reconstrução capitalista**

"TO AND FRO" DE TEUN HOCKS (1986)

Em meados dos anos oitenta, na seqüência de Reagan e Thatcher, quando a recessão mundial demonstrou que o impulso do pós-guerra tinha se esgotado, e a pressão capitalista exigiu choques de austeridade fiscal cada vez mais rigorosos, a social-democracia abandonou o keynesianismo. Na França, Mitterand, diante de seu segundo mandato, após 1988, convocou os economistas e sociólogos da Escola da Regulação, e patrocinou os primeiros programas de renda mínima.

> **O PROGRAMA reformista foi reduzindo suas ambições de "justiça social", e se adaptando às necessidades do Capital**

No Reino Unido, Blair passou a defender a Terceira Via para o Novo Trabalhismo Britânico, uma continuidade do neoliberalismo de Thatcher, porém, "com desconto". Na Alemanha, veio Schroeder e o seu *Neue Mitte*, o novo centro, uma versão germânica de renúncias aos excessivos gastos do *Welfare State*, com redução das políticas sociais. Vivemos na etapa dos programas "focados" de proteção aos "excluídos": o reformismo sem reformas. Esta é uma demonstração inequívoca das fragilidades do sistema, não da sua força, e a confirmação da vigência do prognóstico de Lenin.

Em cada etapa histórica dos últimos cem anos, o programa reformista foi reduzindo suas ambições de "justiça social", e se adaptando às necessidades do capital: a diminuição dos gastos sociais do Estado, favorecendo a redução da carga fiscal e a recuperação da rentabilidade. Neste início de século, admitindo sua incapacidade de realizar até as mais mínimas reformas, a partir da administração do Estado, os governos de colaboração de classes – como os do Congresso Nacional Africano (CNA) de Mandela, e o do PT de Lula – recorrem a um novo programa reformista: convocam à caridade. O retrocesso programático que a social-democracia européia levou cem anos para completar, o núcleo dirigente do PT realizou em menos de 20, com mais ou menos camuflagem.

A LUTA DE UM POVO CONTRA O MURO DO "APARTHEID"

MURO DO "APARTHEID", na Palestina, é símbolo da política do Estado nazi-sionista de Israel

KENYA ROSA CARDOSO,
de Florianópolis (SC)

Com a construção do muro, o objetivo central de Sharon é tentar garantir os territórios anteriormente conquistados por Israel até a guerra de 1967, quando conseguiu ocupar a maioria daquele espaço territorial. O muro tem uma extensão prevista de 350 km com um custo de mais de US$ 2 milhões. Além disso, isola ainda mais os palestinos em guetos, deixando-os sem terra, separados de suas famílias e sem meios e condições de sobrevivência. Em alguns lugares ele atinge a altura de 8 metros e, em outros, de 40 a 100 metros de largura.

Desde antes do início de sua construção, em 2002, o muro provoca manifestações explosivas de resistência palestina e protestos, ainda que minoritários, de pacifistas israelenses. Depois de iniciada a construção, a crise de Israel se aprofunda resultando em novos protestos.

A extrema-direita dentro de Israel, representante dos colonos nazi-israelitas, se opõe ao forçado recuo de Sharon e à retirada dos colonos judeus dos territórios da Faixa de Gaza e da Cisjordânia. Essa oposição organiza manifestações em defesa do muro como a que ocorreu no dia 25 de julho, formando um gigantesco cordão humano de cerca de 150 mil israelitas ao longo de mais de 90 km.

MARCHA PALESTINA

A resistência palestina segue na luta contra o muro, por seus territórios e por sua independência. No dia 22 de julho, os comitês populares palestinos organizaram uma marcha que contou com 21 ônibus lotados de mulheres, homens e crianças.

Esses palestinos seguiram desde Tulkarem, na Cisjordânia, com o objetivo de entrar em Ar Ram, no nordeste de Jerusalém, em Israel. De lá pretendiam atravessar os pontos da barreira e seguir até o posto militar de Qalandiya, que isola Jerusalém do resto da Cisjordânia.

Apesar da violência do exército israelense, vários palestinos conseguiram vitoriosamente atravessar os pontos da barreira e chegar até o posto militar de Qalqilya, para realizar uma manifestação.

Há ainda as manifestações dentro de Israel que se opõem ao muro, duramente reprimidas. Essas manifestações fazem parte de um movimento de oposição que, inicialmente, contava apenas com algumas pessoas, e agora, agrega cerca de 70 mil participantes, tendo cada vez mais e maiores enfrentamentos com a polícia israelense.

Construção do muro que isola palestinos

MANIFESTAÇÕES dentro de Israel que se opõem ao muro são duramente reprimidas

ONU SOB PODER DOS EUA

A crise pela qual passa Sharon foi agravada ainda mais pelo sentimento anti-imperialista que invade o Oriente Médio com a guerra do Iraque.

A pressão das massas obrigou os governos que fazem parte da Organização das Nações Unidas (ONU) a discutirem a existência do muro. No dia 20 de julho, a Assembléia Geral das Nações Unidas votou, por 150 votos favoráveis contra 6, e 10 abstenções, uma resolução pela demolição do muro.

O governo de Ariel Sharon, apoiado de perto pelos Estados Unidos, apressou-se em declarar que *"a construção da barreira vai continuar"*. Mas, se pairava alguma dúvida sobre o papel da ONU como braço político do imperialismo norte-americano, esta se desfez. A declaração do porta-voz de Sharon, quando questionado sobre a resolução, deixa claro que as medidas adotadas pela ONU jamais se contraporão aos interesses dos EUA, que têm poder de veto na organização.

MASSACRE PARA CAUSAR INVEJA A NAZISTAS

Ao mesmo tempo em que a ONU e a Corte Internacional de Justiça condenaram o muro de Israel, Sharon desatou um massacre de causar inveja aos nazistas no gueto de Varsóvia.

No campo de refugiados em Rafah, na Faixa de Gaza, Israel promoveu uma ofensiva genocida cujo objetivo era tentar isolar Rafah de Gaza para seguir controlando esse território.

Ariel Sharon

A força da heróica resistência popular da Intifada palestina faz com que, apesar do genocídio em Rafah, Sharon não consiga mais controlar de forma direta a Cisjordânia e Gaza e agora fale em utilizar os governos do Egito e Jordânia para cumprir o papel do Estado de Israel de esmagar a resistência palestina, roubar seus territórios e eliminar os palestinos enquanto povo.

Crise interna palestina

A corrupção e a desagregação da Autoridade Nacional Palestina (ANP), desde os marcos dos Acordos de Oslo, atingiu o ápice nas últimas semanas, quando diversos setores, como os militantes da própria base do Fatah, o partido de Yasser Arafat, ocuparam e incendiaram prédios do governo da ANP, seqüestraram oficiais de segurança da polícia palestina e exigiram a renúncia do primeiro-ministro da Autoridade Nacional Palestina, Ahmed Quorei.

As brigadas dos mártires de Al Aqsa lideraram manifestações de rua contra a nomeação feita por Arafat, de seu próprio primo, Musa Arafat, para liderar o serviço secreto de segurança da ANP em Gaza.

Esses acontecimentos são um repúdio à corrupção financeira e ao nepotismo na ANP, mas não somente a isto. Expressam também a insatisfação, cada vez mais profunda, com a política pró-imperialista de Yasser Arafat e o surgimento de toda uma geração que resgata a bandeira de um único Estado na Palestina, laico, democrático e não-racista.

PELO MUNDO

POR YURI FUJITA

ESTADOS UNIDOS

A rica campanha democrata

O jornal americano "The Washington Post" publicou que o candidato democrata à presidência americana, John Kerry, e os comitês do Partido Democrata levantaram mais verbas para a campanha presidencial que os republicanos. O jornal afirma que os democratas levantaram US$ 292 milhões, contra US$ 272 milhões dos republicanos.

Isto pode demonstrar a queda de popularidade de Bush, por causa da guerra do Iraque, mas demonstra também que setores importantes da burguesia sabem que terão em Kerry um fiel representante.

ARGENTINA

Cai a popularidade do governo

O presidente argentino Nestor Kirchner sofreu uma queda de 10% em sua popularidade no mês passado. Um dos motivos é descontentamento da população, principalmente dos desempregados. O governo enfrenta um número crescente de protestos realizados por milhares de desempregados nas ruas de Buenos Aires, exigindo comida e dinheiro. Há duas semanas, camelôs, desempregados, travestis e organizações de esquerda realizaram violenta manifestação no edifício da Assembléia Legislativa da capital argentina. O protesto foi contra o chamado Código de Convivência, que criminaliza as lutas sociais, proíbe o trabalho de ambulantes, prostitutas e travestis.

Atualmente, em Buenos Aires, mais de 50% da população está abaixo da linha de pobreza.

GRÉCIA

Greve olímpica

Os motoristas de ambulância e os paramédicos gregos anunciaram um indicativo de greve para o período dos Jogos Olímpicos de Atenas, entre os dias 13 e 29 de agosto. Eles reivindicam pagamento extra pelo trabalho nos jogos, como policiais e seguranças, que receberão um bônus pelo trabalho realizado durante as Olimpíadas.

No dia 22, houve manifestação nas ruas de Atenas, com mais de mil pessoas, para que o pagamento extra se estenda a todos os trabalhadores que atuarão nos jogos.

Kátia Telles, candidata à Prefeitura do Recife

UMA MULHER TRABALHADORA PARA A PREFEITURA

KÁTIA TELLES é funcionária pública federal e é a única mulher no pleito. A sua campanha estará voltada para a defesa das reivindicações dos trabalhadores

Quais são os principais problemas que a população enfrenta?

São problemas urbanos gerados por décadas de dominação da burguesia que levaram a uma falência múltipla da cidade. Segundo dados de instituições internacionais, Recife é considerada a quarta pior cidade do mundo para se viver. É uma das campeãs em violência contra mulheres, homossexuais e jovens entre 15 e 25 anos. Os indicadores sociais são terríveis. Em qualquer item que se considere, vivemos na barbárie, principalmente em termos de condições sanitárias e Saúde Pública. Na Saúde privada, há o famoso pólo médico do Recife, com hospitais e clínicas tipo hotel cinco estrelas, cujos maiores representantes são o atual ministro Humberto Costa e os vampiros da Saúde. Por outro lado, testemunhamos um verdadeiro estado de calamidade pública: leptospirose, leishmaniose, dengue e outras doenças provocadas pela miséria e falta de informação.

Como resolver isso?

Temos de fazer uma intervenção na rede de Saúde, pública e privada, abrindo todos os hospitais e clínicas para resolver este estado de calamidade. Devemos estatizar todos os hospitais que se negarem a implementar um plano de proteção pública para salvar a vida dos trabalhadores pobres. Devemos prender tanto os que boicotarem este plano, como também todos os participantes em fraudes e desvios de verbas, como os envolvidos nos recentes escândalos dos vampiros, formados por lobistas, tucanos e petistas.

Não houve uma melhoria na vida do povo depois que o PT assumiu a Prefeitura?

De maneira nenhuma. A Prefeitura de João Paulo está a serviço dos grandes empresários e em parceria com o governo Jarbas. Ainda no governo de Roberto Magalhães (PFL-PMDB), o PT votou a favor da privatização da Companhia de Transportes Urbanos (CTU), aumentando o lucro dos cartéis do transporte. O resultado é fácil de verificar: hoje, no Recife, 52,80% da população anda a pé ou de bicicleta, não existe transporte fluvial, os trens foram extintos, o metrô está estagnado e ameaçado de privatização e, por último, houve uma disputa entre a pequena burguesia proprietária de vans e os barões do transporte. O PT e Jarbas intercederam contra os kombeiros, numa violência só vista na época da ditadura militar. Também reprimiram o movimento dos sem-teto, dos camelôs, dos professores e dos servidores municipais. Onde o prefeito passa é vaiado pelo povo.

> **“João Paulo (PT) está a serviço dos grandes empresários e em parceria com Jarbas Vasconcelos (PMDB)”**

Qual a proposta do *PSTU* para esse problema dos transportes?

Organizar o povo, a juventude e os trabalhadores para enfrentar os barões dos transportes e seus agentes. Acabar com os lucros dos patrões, garantir a existência do metrô público e estatal e reestatizar a CTU para reconstruir a frota de ônibus. Temos de garantir o passe-livre para estudantes, desempregados, idosos e deficientes. Tudo isso pago com o fim dos lucros dos patrões. Eles que paguem a crise gerada por eles mesmos.

Você acha que a burguesia aceitaria essa proposta com tranqüilidade?

Nem a burguesia, nem os governos de Jarbas e Lula e nem uma instituição do Estado burguês. Porque, para realizar isso, temos de romper com o pagamento da dívida municipal e com a Lei de Responsabilidade Fiscal do FMI. Sabemos que as eleições, manipuladas pela burguesia, não irão melhorar a vida do povo. As máfias da oposição de direita, como Cadoca (PMDB) Joaquim Francisco (PTB), Raul Jungman (PPS) não são alternativas aos governos traidores de Lula e João Paulo. Precisamos de uma oposição de esquerda para o Recife.

BOCA DE URNA 16

POR ANDRÉ VALUCHE

CURITIBA (PR)

Apoio

Milena Martinez, da direção do ANDES-SN, e Carlos, presidente do grêmio da fábrica Diamantina, que está ocupada pelos trabalhadores, declararam apoio à candidatura de Gilberto Felix à Prefeitura de Curitiba, pelo PSTU.

TERESINA (PI)

A serviço das lutas

Geraldo Carvalho, professor da rede estadual e candidato a Prefeitura, está colocando à sua campanha a serviço das lutas dos servidores públicos e dos professores, contra a política de sucateamento do serviço público do governador do Piauí, Wellington Dias (PT). No dia 2 de agosto, Geraldo participará do ato público dessas categorias no centro de Teresina.

MACAPÁ (AP)

Frota com 3%

O candidato Joinvile Frota, candidato à Prefeitura, está com 3% na pesquisa divulgada esta semana pelo Ibope. Frota, como é conhecido, é presidente licenciado do sindicato dos rodoviários, categoria que protagoniza as principais mobilizações da cidade.

NATAL (RN)

Festa de lançamento

Com música ao vivo e um bingo, no dia 1º de agosto, o PSTU fará a festa de lançamento de seus candidatos a vereador. Entre as candidaturas, destaca-se a de Sonia Godeiro, diretora do sindicato da Saúde (Sindsaúde). Também marcará presença Dario Barbosa, candidato a prefeito.